

Oficinas do ateliê itinerante: a experiência com as crianças como ferramenta de projeto.

Itinerant atelier workshops: the experience with children as design tool

Talleres del taller itinerante: la experiencia con los niños como herramienta de proyecto.

FLORES, Anelis Rolão

Mestre em Arquitetura, Professora UFN-SM, Doutoranda PROPAR-UFRGS, anelis.flores@gmail.com;
anelis@ufn.edu.br

KELLING, Manuela

Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Aluna UFN-SM, kellingmanu@gmail.com

ALBERTI, Giulia Ferreira

Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Aluna UFN-SM, giulia.arqeurb@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisou os primeiros impactos das oficinas realizadas pelo Ateliê Itinerante com os alunos de uma escola municipal de ensino fundamental, assim como as contribuições na formação dos acadêmicos do curso de arquitetura e urbanismo envolvidos. O Ateliê Itinerante configura-se como um programa que abrange diversas disciplinas, e busca auxiliar na formação profissional aliada a responsabilidade social. O Ateliê de Urbanismo e Paisagismo faz parte deste ateliê âncora e se organiza de forma a interagir com comunidades vulneráveis nas questões referentes aos seus temas. Neste período foi firmada uma parceria com a Secretaria de Educação que possibilitou a realização de oito oficinas na escola com o intuito de embasar os projetos da disciplina, assim como integrar os acadêmicos com a comunidade. Nelas as temáticas desenvolvidas buscaram aproximar as crianças com a arquitetura e urbanismo, almejando também impactar a formação de futuros cidadãos. Por meio da produção destas oficinas, as crianças conseguiram expressar seus sonhos e necessidades, que foram utilizados nas propostas com a finalidade de provocar mudanças e gerar outros mundos possíveis, propostas estas, que ultrapassaram os desenhos técnicos e proporcionaram a programação de outras atividades presenciais. Portanto a interação entre academia e comunidades vulneráveis precisa basear-se num equilíbrio de aprendizado, nas trocas de experiências a fim de provocar a transformação das ideias e da superação dos preconceitos recíprocos, pois são mais que projetos, são experiências a fim de viabilizar a interação entre sonho e realidade.

PALAVRAS-CHAVES: ensino de arquitetura, extensão universitária, projeto urbanístico, projeto paisagístico.

ABSTRACT

This paper analyzed the first impacts of the workshops carried by the Ateliê Itinerante (Itinerant Studio) with students from a public primary school, as well as their contributions to the training of the architecture students involved. The Ateliê Itinerante is classified as a program that covers various subjects and aims to support professional training combined with social responsibility. The Urbanism and Landscaping Studio is part of that



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



anchor studio and is organized to interact with vulnerable communities in their respective areas of need. In this period an agreement was established with the Secretariat of Education which enabled the achievement of eight workshops at the school with the goal of substantiating the course's projects, as well as integrating students with the community. During them, the topics studied aimed to bring children closer to architecture and urbanism, expecting to affect the formation of future citizens as well. Through workshop production the children were able to express their dreams and necessities, which were used in the proposals with the purpose of provoking changes and create new possible worlds, proposals which went beyond the technical drawings and enabled the planning of other activities. Therefore the interaction between college and vulnerable communities needs to be based on a learning balance, on the exchange of experiences in order to cause the transformation of ideas and overcoming of mutual prejudice, since they are more than projects, they are experiences aiming to enable the interaction between dream and reality.

KEY WORDS: architecture education, university extension, urban design, landscape design.

RESUMEN

Este estudio analizó los primeros impactos de los talleres realizados por el Ateliê Itinerante con los alumnos de una escuela municipal de enseñanza fundamental, así como las contribuciones en la formación de los alumnos del curso de arquitectura y urbanismo implicados en el proceso. El Ateliê Itinerante se configura como un programa que abarca diversas disciplinas, y busca auxiliar en la formación profesional aliada a la responsabilidad social. El Atelier de Urbanismo y Paisajismo es parte de este taller ancla y se organiza de forma a interactuar con comunidades vulnerables en las cuestiones referentes a sus temas. En este período se firmó una parceria con la Secretaría de Educação que possibilitó la realización de ocho talleres en la escuela con el fin de basar los proyectos de la disciplina, así como integrar a los académicos con la comunidad. Las temáticas desarrolladas buscaron acercar a los niños con la arquitectura y urbanismo, anhelando también impactar la formación de futuros ciudadanos. Por medio de la producción de los talleres los niños lograron expresar sus sueños y necesidades, que fueron utilizados en las propuestas con la finalidad de provocar cambios y generar otros mundos posibles, propuestas éstas, que sobrepasaron los diseños técnicos y proporcionaron la programación de otras actividades presenciales. Por lo tanto la interacción entre academia y comunidades vulnerables necesita basarse en un equilibrio de aprendizaje, en los intercambios de experiencias a fin de provocar la transformación de las ideas y de la superación de los prejuicios recíprocos, pues son más que proyectos, son experiencias a fin de viabilizar la interacción entre sueño y realidad.

PALABRAS CLAVE: enseñanza de arquitectura, extensión universitaria, proyecto urbanístico, proyecto paisajístico.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo analisar os primeiros impactos extensionistas das oito oficinas realizadas pelo Ateliê Itinerante¹, no primeiro semestre de 2019, com os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores em Santa Maria-RS, assim como as contribuições na formação dos acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana, configurando-se como um relato de experiência. O Ateliê Itinerante se conforma como um programa interdisciplinar que procura desenvolver na formação profissional as questões referentes à responsabilidade social, e utiliza da interação com comunidades vulneráveis, e da detecção das suas necessidades e aspirações, para sensibilizar e modificar o ensino na arquitetura e urbanismo. Dentro deste programa temos a disciplina de Ateliê de Urbanismo e Paisagismo² que identifica demandas da comunidade requeridas ao curso, e organiza atividades de extensão aliadas ao ensino das escalas urbanísticas e paisagísticas de maneira crescente e acumulativa visando o fortalecimento dos vínculos.

Por meio de uma parceria firmada entre a Secretaria de Educação e o curso de Arquitetura e Urbanismo foram realizadas as atividades na escola com foco nas seguintes temáticas da disciplina: percepção do espaço público, sustentabilidade e atividades extensionistas. O seu desenvolvimento aspirou aproximar as crianças com a arquitetura e urbanismo, além de, incentivar um impacto positivo na formação de futuros cidadãos.

Para tanto foram propostas oito oficinas com as crianças. A produção e execução das mesmas possibilitaram efetivamente a aproximação da academia com a escola, e os resultados obtidos foram utilizados nas propostas do semestre para provocar reflexões e gerar outros mundos possíveis, além das suas realidades. Ademais, é importante salientar que foi realizada uma preparação dos acadêmicos para que as oficinas ocorressem de forma mais harmônica, principalmente por meio de estudos de caso, que abordavam ações de coletivos com intenções similares, isto é, o trabalho em

¹ O Ateliê Itinerante configura-se como um subprojeto de ensino-extensão dentro do Projeto de Extensão Integrador denominado Identidade e Inovação Social da Universidade Franciscana.

² As atividades da disciplina, no 1º semestre de 2019, foram divididas em cinco etapas: 1ª etapa- Conceituação do trabalho extensionista e da responsabilidade social do arquiteto. Condicionantes de um projeto paisagístico e urbanístico, assim como introdução ao desenho universal e estratégias de sustentabilidade; 2ª etapa: Levantamento de dados e interação com a comunidade; 3ª etapa: Programação e detalhamento da proposta - Nesta etapa foram elaboradas a programação e ação das oficinas com os estudantes da escola municipal; 4ª etapa: A prática de intervenção paisagística e urbanística – Atividade com a comunidade realizada após o diagnóstico do material levantado pelas oficinas – visita dos alunos da escola na Universidade Franciscana; 5ª etapa: Apresentação e entrega do material final para a comunidade.



cooperação com a comunidade. Os grupos conseguiram abstrair o essencial para gerar um trabalho produtivo para a sociedade e, principalmente, com a sociedade.

Portanto a experiência das oficinas tornou-se uma ferramenta de projeto, quando os acadêmicos retornaram à universidade e a partir dela abstraíram os sonhos no partido geral dos seus projetos e planejaram novas ações de cooperação. Esta troca de ideias, esta troca de lugar, proporcionou o reconhecimento do outro e o compromisso necessário para impactar na sua formação profissional.

1 O DESAFIO DA DISCIPLINA

Atualmente o ensino de arquitetura e urbanismo ainda é restrito às universidades, visto como algo distante aos cidadãos, porém a curricularização da extensão, prevista em lei³, tornou-se uma oportunidade de aproximação efetiva entre a academia e a sociedade. A situação econômica do nosso país, com escassez de recursos em todas as instâncias, conjuntamente com a natureza da extensão no campo da arquitetura e urbanismo necessitam de alternativas simples para a sua efetivação. Ações coletivas articuladas com cunho educacional envolvendo troca de conhecimento tornam possível a construção destas parcerias, por meio de convênios envolvendo secretarias da cultura, esporte e educação, ao invés dos tradicionais setores de planejamento e obras já abarcados pelas disciplinas extensionistas de temática da habitação social.

Este quadro permitiu a abordagem da extensão por meio de algumas iniciativas que visam aproximar o conhecimento à sociedade, principalmente pela inclusão no aprendizado desde a infância. Ressaltamos que nesta fase, as crianças estão formando sua percepção sobre a paisagem em diferentes escalas, a de sua casa, sua rua, seu bairro, sua escola, e por fim, a escala da cidade, de acordo com a realidade que conhece e reconhece.

A importância do contato das crianças com essa discussão se projeta no futuro dos mesmos, que se tornarão adultos mais conscientes e responsáveis, auxiliando na construção de uma sociedade mais crítica e preocupada com o bem estar social e coletivo proporcionado por ambientes de qualidade, formando um novo olhar mais contextualizado com de paisagem da cidade.

Sendo a Arquitetura e Urbanismo um campo multidisciplinar, seu ensino é motivado por diversos fatores e suas temáticas estimulam diferentes habilidades no processo de desenvolvimento das

³ A lei 13005/14 que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024, estabelece na Estratégia 12.7 assegurar no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de Extensão na Educação Superior.



crianças, resultando em um aprendizado rico e integrado, para dispor de senso crítico e capacidade de analisar, transformar, os lugares que habitam.

Além da inserção da arquitetura e urbanismo nos colégios como disciplina obrigatória e a criação de cursos e escolas específicos para o desenvolvimento dessa temática, ainda podemos observar exemplos de oficinas que promovem o ensino de arquitetura, levando até mesmo às escolas mais afastadas oportunidades de aprendizado mútuo com crianças que nunca antes tiveram contato com essa experiência.

A partir desta reflexão foi elaborado o desafio da disciplina, por meio da extensão, de aproximar a universidade da escola, e a experiência desde o princípio teve uma postura colaborativa, procurando impactar positivamente ao inserir no seu cotidiano os temas referentes à universidade, e vice-versa. Orientados pelas professoras e monitoras, os alunos desenvolveram formas de abstrair da experiência com a escola, seus desejos, críticas e necessidades sobre seu ambiente cotidiano e de ensino para, posteriormente, elaborar um projeto urbanístico e paisagístico baseado nas informações obtidas.

2 ESTUDOS DE CASO: A CRIANÇA E A PERCEPÇÃO DA ARQUITETURA.

No início do desenvolvimento da disciplina os alunos estudaram projetos e ações extensionistas e a partir deles prepararam apresentações com mesas redondas com a finalidade de adquirirem embasamento e referências sobre o assunto. Posteriormente, estes trabalhos serviram para a elaboração das oficinas que foram colocadas em prática na escola escolhida para o projeto de extensão.

Nestes estudos iniciais destacaram-se alguns projetos como o Programa *Educatiu Arquiescola*⁴ do *Collegi d'arquitectes de Catalunya*, COAC, que mostra a iniciativa de uma educação baseada em uma visão sistêmica da arquitetura e urbanismo, e o direito das crianças aos espaços públicos.

Dentro deste programa sobressaiu-se a reflexão da arquiteta Irene Quintans, fundadora da red.OCARA⁵, sobre como trabalhar com as crianças, com mapas mentais que conectam a casa, a rua e a cidade.

⁴ Segundo endereço eletrônico do COAC, "O programa Arquiescola proposto pelo COAC tem como objetivo trabalhar de modo transversal à arquitetura nas escolas primárias e secundárias de Barcelona". Disponível em: <https://www.arquitectes.cat/ca/coac/arquiescola> Acesso em: 03 abr. 2019.

A pesquisa da OMO (2016) realizada com 12.000 famílias de dez países, diz que crianças passam menos tempo ao ar livre que presidiários (normas internacionais recomendam como mínimo uma hora de atividade física externa nos presídios). De acordo com o estudo, as crianças raramente passam mais de 30 minutos por dia ao ar livre, e despendem 50% a mais do seu tempo brincando em frente às telas de computadores e jogos eletrônicos do que do lado de fora de casa (QUINTANS, 2017)

Alguns exemplos de projetos e experiências da red.OCARA no Brasil foram analisados na disciplina pelos acadêmicos, são elas: Exploradores da Rua, Cidade para Crianças e Uma lição de mobilidade. O projeto Exploradores da Rua, em São Paulo, organizado pelo grupo de pesquisa APÉ - estudos em mobilidade, em parceria com escolas convidada os participantes a trilhar um percurso para investigarem os detalhes com um olhar sensível e crítico, que normalmente não temos em uma caminhada normal. Equipadas com os materiais, como binóculos, lupa e mapas, crianças de 5 a 7 anos de escolas públicas são convidadas a assumir o papel de exploradores e descobrir o espaço em torno da escola. Os alunos são incentivados a recolher registros durante o percurso e na volta, com os elementos coletados, é realizada uma oficina de desenho e construção de mapas mentais (EXPLORADORES, 2019).

Já o projeto Cidade para Crianças, também em São Paulo, trabalhou com três oficinas para os pequenos, Minha Casa, A Cidade e Meio Ambiente. O projeto organizado por um coletivo, que tem como organizadores a arquiteta Úrsula Troncoso e o Instituto “A cidade precisa de você”, teve como objetivo ensinar e promover a leitura e a aprendizagem espacial com as crianças. As atividades desenvolvem percepções críticas a respeito dessas temáticas, e criam o senso de responsabilidade nos mesmos, que poderão levar bons exemplos e compartilhar em suas escolas e famílias (CIDADES, 2017).

“Uma lição de mobilidade”, parceria entre a red.OCARA e a Urb-i, teve a proposta de levar o tema da mobilidade para uma escola pública e realizar uma transformação no local. A metodologia utilizada baseou-se na preparação e envolvimento da comunidade para culminar na real modificação, com a execução do projeto em duas semanas. Destaca-se neste estudo de caso o uso da colaboração mútua como elemento fundamental para o sucesso do projeto, característica requerida na disciplina.

As monitoras que auxiliaram no processo também fizeram estudos de caso, dentre eles destaca-se o Projeto Cidade 10, realizado entre arquitetos e crianças na V Bienal de Arquitetura e Desenho em São Paulo, onde se destaca o *workshop* “Jogo: a construção dos diálogos”, nele a ajuda dos

⁵ A RedOCARA é uma rede latino-americana de experiências e projetos sobre cidade, arte, arquitetura e espaço público voltada para as crianças.

arquitetos possibilitou a utopia das crianças virar realidade por meio de projetos com adaptações e aplicações técnicas “Partindo da realidade da cidade que conhecem, sugerem espaços vivos e dinâmicos; criados a partir de suas vivências cotidianas, convertem-se em pequenos arquitetos (...) as crianças e arquitetos convertem-se em cúmplices que criam e provocam juntos uma transformação.” (RUIZ-GELI, 2003, p.15).

Todos estes projetos contribuíram, além da elaboração da metodologia das oficinas, também para a reflexão sobre o uso da metodologia tradicional de projeto. Neles foram verificadas as proposições de novas maneiras de fazer arquitetura que consigam alcançar a sociedade nas suas necessidades e na construção de um espaço urbano realmente democrático. Afinal, é preciso brincar para recriar o mundo e propor uma “cultura em torno da ressignificação da produção dos espaços da criança, para o surgimento de uma nova qualidade arquitetônica e também de campos de pesquisa e de prática profissional transdisciplinares, rompendo com as fronteiras da “disciplina-arquitetura” (NASCIMENTO, 2009, p.252).

3 METODOLOGIA DAS OFICINAS E PROJETOS

Partimos da seguinte pergunta aos alunos da Escola Municipal da Chácara das Flores: como você gostaria que fosse sua escola, sua rua e seu bairro?

Com este questionamento a turma desenvolveu o trabalho com o objetivo de interagir com as crianças para compreender as suas vontades. Descobrir no imaginário infantil e nas suas vivências formas para desenvolver ideias contextualizadas, para tornar os pequenos participantes das decisões.

Na primeira etapa, foi realizada a visita à escola, onde fizeram o levantamento do entorno, fotografias, entrevistas com a equipe escolar, enfim, recolheram as informações sobre o lugar, mas acima de tudo conheceram os usuários e iniciaram um vínculo. Em seguida, na universidade, conjuntamente com as professoras e monitoras, focou-se na elaboração de oficinas para a participação dos principais usuários do espaço, as crianças. Nesta organização foram consideradas e discutidas propostas com temáticas diferentes, mas com foco na disciplina e nas faixas etárias dos estudantes. Após a primeira apresentação, na universidade, as ideias similares foram reelaboradas e as questões referentes ao tempo da oficina, uma hora e meia, e aos recursos financeiros, também sofreram ajustes em um documento entregue a escola para aprovação, e posteriormente aprovado na integra.

Na segunda etapa os alunos voltaram na escola para realizarem as oficinas planejadas. A terceira etapa consistiu na elaboração de um projeto para o pátio e para a rua em frente à escola, conforme a análise dos materiais sistematizados em um banco de dados. É importante comentar que no final da disciplina ocorreu uma última atividade de integração do semestre, nela tivemos uma visita dos alunos aos laboratórios da universidade, emissora da TV UFN e a exposição “Retalhos Fabulosos de um País das Maravilhas”, da artista plástica Ana Cláudia Barin. Após foi realizada a entrega dos projetos para a escola e o encaminhamento das atividades de continuidade da parceria para os próximos semestres.

4 OFICINAS

A seguir, discorre-se sobre cada uma das oito oficinas. A atividade ocorreu em turno reverso ao das aulas e a direção da escola divulgou a participação como voluntária, portanto a adesão foi espontânea e proporcionou uma experiência mais participativa. Tomou-se o cuidado de dividir as oficinas conforme a idade dos alunos participantes, por exemplo, as atividades mais livres e abstratas, foram direcionadas aos mais novos. Enquanto as mais objetivas e específicas para mais velhos. Algumas turmas foram mistas e com a organização prévia estes grupos foram encaminhados para as mais adequadas, porém uma característica esteve sempre presente em todas as idades, o foco na criatividade.

O uso de desenho e maquetes foi escolhido como método de aproximação das crianças com o ensino de arquitetura, facilitando a aproximação através de um universo comum entre os arquitetos e os pequenos.

4.1 “Arte de mudar”

A oficina explorou a ideia da transformação, e o elemento que traduziu isso foi a “cartola do mágico” utilizada como instrumento que antecede o truque, a mágica do espaço. A atividade foi realizada com crianças das séries iniciais com o intuito de instigar os pequenos a falarem sobre o quê eles não gostavam e o que sonhavam para sua escola, rua e bairro.

A seguir, pediu-se que as fragilidades, “coisas ruins”, fossem desenhadas e inseridas na cartola. Em seguida, cada criança pegava um desenho de dentro da cartola, e transformava com outro desenho sobreposto o quê o colega não gostava em “coisas boas”, as potencialidades propostas. “A arte de

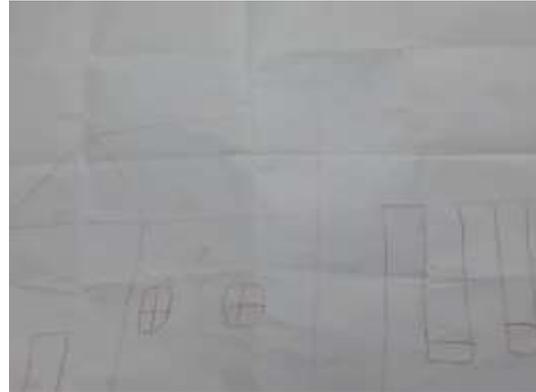
mudar”, além de incentivar o espírito de cooperação, também desencadeou nelas a capacidade de refletir sobre a realidade urbana e o seu poder nas decisões coletivas (Figuras 1 e 2).

Figura 1: “A arte de mudar”, desenho das fragilidades. Má conservação e áreas abertas desprotegidas.



Fonte: As autoras, 2019.

Figura 2: “A arte de mudar”, desenho com a escola ideal, ênfase em espaços abertos de convívio.



Fonte: As autoras, 2019.

4.2 “Meu sonho colorido”

Como saber que cores as crianças querem para sua escola? E se elas são bem pequenas? O grupo a partir deste questionamento, também, optou pelo caminho do desenho. Primeiramente desenhos de inspiração escolhidos pelos acadêmicos foram mostrados às crianças no início da atividade, como por exemplo, super-heróis, princesas, castelos mágicos, ou seja, símbolos do universo delas. Após pediram aos alunos que desenhassem e pintassem com suas cores favoritas, no decorrer da atividade foram conversando e anotando no próprio desenho as observações das crianças.

Para os acadêmicos o resultado foi acima do esperado, adequado à faixa etária e conseguiu extrair a média de cores almejadas, ou seja, a que agradava a maioria dos pequenos para dessa maneira, contribuir para a composição da paleta de cores para o projeto da escola. A partir de um rico acervo, além das cores, inicialmente previstas, também foram propostas formas, contornos próprios do universo infantil. Este desenhos foram organizados junto ao banco de dados para o projeto (Figura 3).

Figura 3: “Meu sonho colorido”, desenho interpretado pelos acadêmicos conjuntamente com as crianças.



Fonte: As autoras, 2019.

4.3 “DesenhArte”

Inicialmente foram distribuídas fotografias do pátio da escola com um papel-manteiga, e foi pedido que as crianças desenhassem o que elas queriam, ou soluções para problemas naquele determinado espaço. No grupo, havia crianças de diferentes anos escolares, as mais novas eram mais criativas, usavam mais cores e foram mais participativa, enquanto as mais velhas tiveram pouca participação. Porém vários desenhos apresentavam ideias de ocupação do espaço da escola, praticamente sem projeto de espaços de convívio, como por exemplo, quadra de esportes, áreas de convivência com mobiliário, brinquedos, uso da água e outras possibilidades (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Material do início da “DesenhArte”.



Fonte: As autoras, 2019.

Figura 5: Material finalizado da “DesenhArte”.



Fonte: As autoras, 2019.

4.4 “Se essa rua fosse minha (...)”

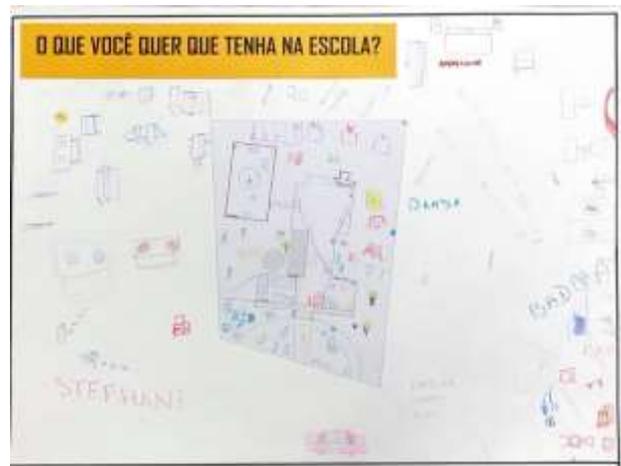


A ideia era saber qual era a rua que os alunos queriam na frente da Escola. Para isso, discutiu-se com elas os elementos da estrutura de uma via urbana, e depois, elas iniciaram a atividade. A maioria dos desenhos teve um cunho abstrato, mas alguns foram bem consistentes, como por exemplo, o mobiliário urbano, semáforos e faixas de segurança (Figura 6). O acervo permitiu detectar novas fragilidades e comprovar as anteriormente observadas no levantamento da área.

Figura 6: Desenho - “ Se essa rua fosse minha (...)”



Figura 7: Painel - Urbanismo tático



Fonte: As autoras, 2019.

Fonte: As autoras, 2019.

4.5 “Urbanismo tático: Entendendo o bairro e a escola”

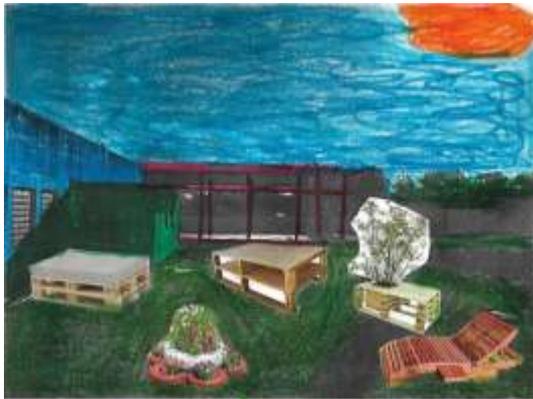
Foram distribuídos quatro cartazes, dois com planta de localização da escola e dois com o mapa do bairro onde ela se encontra. As crianças deveriam desenhar respondendo a uma pergunta que estava escrita em cada um deles. As perguntas eram: “ O que você mais gosta na escola?”, “Como você veio para a escola?”, “O que você vê no caminho para a escola?”, “O que você quer que tenha na escola?”. Estas informações não apenas auxiliaram na construção das percepções das crianças sobre o bairro, como permitiram a complementação dos dados técnicos para o projeto urbanístico (Figura 7).

4.6 “Collage”

Utilizando revistas variadas e fotocópias de fotografias da escola, as crianças realizaram em grupo uma *collage* de suas ideias para o lugar. O objetivo era compreender como eles percebiam o ambiente. Conforme terminavam seus trabalhos os alunos conversavam com os acadêmicos sobre a

temática. Percebeu-se, então, que além do material físico que os alunos produziram, também houve muita riqueza no diálogo, pois os alunos participantes eram das classes mais avançadas e suas percepções contribuíram para a construção de outra realidade diferente das oficinas com as séries iniciais. Os ambientes de convivência segundo eles deveriam permitir espaços externos de convívio e consequentemente troca de ideias, diferente do esporte, lazer e brincadeiras tradicionais apontados nos outros grupos (Figura 8).

Figura 8: Oficina Collage



Fonte: As autoras, 2019.

Figura 9: Oficina Lego



Fonte: As autoras, 2019.

4.7 Oficina “Lego”

O trabalho consistiu na brincadeira com maquetes, previamente montadas e padronizadas com uma base de isopor em que o volume central representava a escola, e diversas formas avulsas cortadas também em isopor. As crianças completaram a maquete com seus sonhos para o pátio da escola, colorindo, remontando e colando as peças. Os resultados saíram abstratos, mas traduziram a criatividade da mente de uma criança, a partir deles os acadêmicos elencaram a necessidade de mais brinquedos e mobiliário e a localização desejada. As formas geradas pelas crianças puderam ser observadas no lançamento do partido geral de alguns projetos (Figura 9).

4.8 Oficina “Projeto escola reciclável”

Os acadêmicos levaram diversos materiais recicláveis e a ideia era transmitir a importância da reciclagem e propor aos alunos que realizassem projetos de mobiliários para a escola. De acordo com relatos de acadêmicos, no início foi difícil o desenvolvimento da atividade porque as crianças não estavam muito inspiradas e como o grupo era misto os mais velhos não participaram efetivamente. Tentou-se dialogar sobre ideias, mas mesmo assim, poucos alunos propuseram projetos criativos.

Infelizmente esta atividade foi considerada satisfatória em termos de integração, mas sem muita contribuição para os projetos (Figura 10).

Figura 10: Oficina Projeto escola reciclável



Fonte: As autoras, 2019.

5 RESULTADOS: A OFICINA COMO FERRAMENTA DE PROJETO URBANÍSTICO E PAISAGÍSTICO

Atualmente a edificação da escola encontra-se em bom estado, porém os ambientes externos, rua e pátio, praticamente inexistem. A quadra esportiva coberta aberta está em péssimas condições e sofre constantemente com alagamentos, a horta fica aberta apenas para os funcionários, a pracinha tem poucos brinquedos em péssimo estado de conservação, não existe iluminação externa, não existem mobiliários e nem outros espaços pavimentados. Quanto à vegetação, na lateral do estacionamento estão algumas árvores frutíferas e o restante da vegetação, embora em pouca quantidade, não tem espécies alergênicas ou perigosas às crianças. A rua de acesso à escola não possui pavimentação e calçadas, os seus poucos postes de iluminação estão dispostos em linha próximos aos muros das residências e em dias de chuva a área fica praticamente intransitável.

A partir da análise dos trabalhos elaborados na disciplina o programa de necessidades definido partiu dos seguintes sonhos: quadra de esporte na lateral da escola e quadra de vôlei extra, ampliação da pracinha e complementação com equipamentos adequados, uso do acesso pelos alunos e retirada do estacionamento frontal, projeto de palco e mesas no fundo do terreno, possibilidade de estudar e praticar paisagismo na horta, melhoria da pavimentação das calçadas existente e proposição das partes inexistentes, criar faixas de segurança, melhorar iluminação, inserir vegetação e árvores

frutíferas e finalmente um pedido inusitado, uso da água como elemento recreativo para os dias quentes do verão.

Além do programa, a conceituação e organização dos fatores compositivos tiveram como estratégia as diversas formas e cores reveladas, que foram estruturadas em vários dos partidos. As visões sintetizadas do banco de dados e a percepção do universo infantil, do lúdico, do gigante, do minúsculo e dos símbolos. Lua, sol, estrela, bola, mar, lar, natureza, heróis, heroínas, bailarinas, piratas... Tão presentes no imaginário de todas as crianças, conseguiram sensibilizar nos acadêmicos o direito das crianças ao espaço público.

As discussões sobre a rua despertaram na comunidade um interesse pelas ações coletivas nas cidades, não apenas descritas oralmente, como também por meio dos materiais fotográficos levados pelos nossos oficinairos.

Muitas destas crianças da escola não têm contato com a própria cidade de Santa Maria, habitando apenas o seu bairro. A sensibilização para os assuntos referentes ao seu universo e as conexões com as disciplinas da arquitetura e urbanismo, além de serem inéditas no contexto atual deles, geram a possibilidade de conhecimento e quem sabe venham a despertar sua participação futura na construção dos espaços públicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina desenvolve paralelamente ao ensino do desenho urbano e paisagístico a integração entre academia e comunidade, visando extrair conhecimento a partir das vivências. As oficinas concebidas exploraram assuntos relacionados com urbanismo, paisagismo e arquitetura, principalmente por meio de desenhos. Podemos observar a análise das crianças sobre o bairro, a rua e a escola, assim como o olhar delas sobre a qualidade de vida, o meio ambiente e o desenvolvimento de soluções e reflexões por meio da criatividade.

Fica evidente que interação entre academia e comunidades vulneráveis precisa basear-se num equilíbrio de aprendizado, nas trocas de experiências, a fim de provocar a transformação das ideias e da superação dos preconceitos recíprocos, pois são mais que projetos, são experiências que viabilizam a interação entre sonho e realidade. Ultrapassam os desenhos técnicos e se propõem a programação de outras atividades presenciais.

Na extensão precisamos analisar, além dos resultados, o processo entre universidade e escola e verificar se a sua atuação provocou mudanças positivas. Parece-nos que a partir das oficinas conseguimos além de obter dados para o programa de necessidade e estratégias projetuais para a elaboração dos partidos, estabelecer uma excelente conexão com a comunidade.

Ainda nos parece relevante pontuar que ações como esta, realizadas pela curricularização da extensão, devem ser relatadas como uma alternativa no contexto atual de dificuldades econômicas e políticas em que nos encontramos. Apesar da ausência de recursos conseguimos proporcionar resultados positivos e quem sabe por meio da sua visibilidade ela atraia recursos para ações mais elaboradas, e até a construção destes espaços projetados.

Afinal, as ações educacionais devem promover vivências diferenciadas capazes de desconstruir preconceitos e construir projetos sob a ótica da alteridade. Tornando esta experiência mais que uma brincadeira e sim uma ferramenta de projeto.

7 REFERÊNCIAS

CIDADE para as crianças. 2017. Disponível em: <https://www.redocara.com/posts-de-notcias-2/jahj3iho46/br037Cidade-para-crian%C3%A7as>. Acesso em: 20 mar. 2019.

EXPLORADORES da Rua, São Paulo. Disponível em: <https://www.redocara.com/posts-de-notcias-2/iz689kls46/br035Exploradores-da-RuaS%C3%A3o-Paulo>. Acesso em: 20 mar. 2019.

NASCIMENTO, Andrea Zemp Santana. **A criança e o arquiteto:** quem aprende com quem? Dissertação mestrado em Arquitetura e Urbanismo. FAUUSP, São Paulo, 2009.

QUINTANS, Irene. **Novas evidências dos impactos das Ruas do Brincar.** 2017. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/blogs/passos-e-espacos/novasevidenciasdosimpactosdasruasdobrincar>. Acesso em: 5 mar 2019.

RUIZ-GELI, Enric. **Cidade 10. Semillas para nuevas ciudades.** Catálogo do Projeto Espanha para a V Bienal de Arquitetura e Design de São Paulo. *Ministerio de Asuntos Exteriores.* São Paulo, 2003.